



PROJETO
JUVENTUDE
EPREVENÇÃO DAVIOLÊNCIA

**Cultura
de paz**

04

**Novas abordagens sobre
prevenção da violência
entre jovens**

Realização:



FÓRUM BRASILEIRO DE
SEGURANÇA PÚBLICA

Parceria estratégica:



O que é esta cartilha?

Sumário

O que é esta cartilha?.....	2
Juventude e prevenção da violência	4
Por onde começar?	7
Conceitos importantes	11
Como fazer?	15
Saiba mais	32
Créditos e Ficha técnica	34

O envolvimento dos jovens brasileiros com a violência e, sobretudo, com a violência letal, é um problema grave, urgente e complexo. Aqueles que atuam no campo da segurança pública ou em áreas relacionadas à juventude se veem diante de muitos desafios, inúmeras perguntas e poucas respostas para enfrentar essa questão.

As soluções, de fato, não são simples. Mas há caminhos, e eles vêm sendo construídos, em todo o país, por pesquisadores, estudiosos, gestores do setor público e de projetos sociais, e jovens que se dedicam a entender a fundo o problema, formular e desenvolver ações inovadoras e eficazes.

Esta cartilha reúne conhecimentos teóricos e práticos para orientar e inspirar a realização de projetos de prevenção da violência entre jovens. Mais do que apontar receitas

e fórmulas replicáveis, este material pretende oferecer novos pontos de reflexão, sugerir perspectivas e modos de fazer compatíveis com o princípio de que segurança pública se faz com informação, integração e, acima de tudo, pautada pela garantia dos direitos dos cidadãos.

Produzida pela equipe do Instituto Sou da Paz, a cartilha faz parte do projeto *Prevenção da Violência entre Adolescentes e Jovens no Brasil: Estratégias de Atuação*, uma iniciativa do Ministério da Justiça (no âmbito das ações do PRONASCI, o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania) que visa identificar, conhecer e promover estratégias de prevenção da violência entre adolescentes e jovens em todo o território nacional.

O Sou da Paz, parceiro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do Ilanud nesta empreitada, elaborou cinco cartilhas, que tratam dos seguintes temas: escola; polícia e juventude; cidade e espaços públicos; cultura de paz; e capacitação de gestores sobre juventude e prevenção da violência.

Cada cartilha foi produzida com o apoio de especialistas e apresenta experiências desenvolvidas em diversas regiões do país, além de uma seção (Saiba mais) com referências para se aprofundar nas discussões levantadas.

Esperamos, com estas cartilhas, contribuir para ampliar as iniciativas que buscam preservar a vida e a segurança da juventude.

Boa leitura!

Quais os Caminhos para Desenvolver Ações de Prevenção da Violência Entre Jovens?

Desde a década de 1990, vem ocorrendo no Brasil um fenômeno demográfico conhecido como “onda jovem”. Cerca de 26% da população se encontra na faixa de 15 a 29 anos – é o maior contingente jovem em toda a história do país, o que poderia representar um fenômeno extremamente positivo. Contudo, os jovens são o grupo mais afetado pela violência. A exposição da juventude brasileira à violência significa que os jovens são as maiores vítimas e também os mais frequentes autores dos homicídios, além de estarem envolvidos na prática de outros crimes, o que aponta a necessidade de políticas públicas direcionadas a esse segmento.

Para construir tais políticas, é essencial superar as concepções que têm polarizado, nas últimas décadas, o debate sobre o enfrentamento da violência no Brasil. De maneira resumida, há uma divisão entre aqueles que entendem a violência não como um problema em si, mas como resultado das mazelas sociais – e, portanto, que sua solução dependeria exclusivamente da resolução desses problemas –, e aqueles que veem na violência uma manifestação do descontrole e do desrespeito à ordem, sendo por isso um problema exclusivo do aparato repressor do Estado.

Assim estabelecido, o debate possibilitou que setores mais progressistas e ligados às causas sociais se distanciassem da construção de uma agenda de segurança pública. Em contrapartida, ganhou força, entre a opinião pública e setores mais conservadores, a valorização de políticas com foco exclusivo na repressão, ou seja, nas respostas do Estado aos atos criminais. Na prática, isso significou a defesa de políticas de encarceramento, de penas mais duras e de uma ação mais vigorosa por parte da polícia. Segundo essa concepção, até mesmo os pro-

1. Vale apontar que esse não é um fenômeno exclusivo do Brasil; em todo o mundo, os jovens são o grupo mais envolvido com a violência, seja como vítima, seja como autor.

jetos sociais, esportivos ou culturais teriam sua função limitada a manter a juventude “ocupada e afastada das ruas”, como se todos os jovens representassem um perigo potencial.

A tarefa de promover a segurança pública deixa de ser voltada para a defesa do Estado e volta-se para o cidadão.

Esse modelo, que norteou as discussões e as políticas de redução do envolvimento dos jovens com a violência, não tem funcionado. Além de não ser eficaz na melhoria dos índices criminais, representou, muitas vezes, uma afronta aos princípios democráticos e só aumentou a distância entre a população e os formuladores e executores de políticas de segurança. Por isso, desde o final da década de 1990, tem se desenvolvido uma nova concepção, que busca apontar outros caminhos para dar conta dos desafios existentes e vem se consolidando como o *novo paradigma da segurança pública*.

E o que traz de novo esse paradigma? Um de seus pressupostos é o de que segurança pública é um direito dos cidadãos e responsabilidade de todos. A tarefa de promover a segurança pública deixa de ser voltada para a defesa do Estado (e, portanto, do combate àqueles que o afrontam) e volta-se para o cidadão. Além disso, abre-se o leque dos atores responsáveis pela formulação e pela execução das políticas nesse campo, deixando de se limitar à polícia e aos órgãos do sistema de justiça criminal. E abrem-se perspectivas de participação das organizações não governamentais e dos cidadãos.

Outro ponto crucial ao novo paradigma é a ideia de que as ações de repressão são necessárias, porém o combate à violência será mais eficaz quanto mais houver a combinação de estratégias de prevenção. E nesse sentido, mais do que a simples junção de ações de cunho social (que em tese teriam caráter preventivo) com ações repressivas orientadas pelo modelo anterior, é preciso qualificar as ações tanto no campo da repressão quanto no da prevenção.

Em relação ao trabalho repressivo, deve-se investir em ações pautadas pela inteligência e pela legalidade; em relação à prevenção, é preciso superar a ideia de que qualquer ação que busque combater a exclusão social e garantir o acesso a direitos é uma ação que previne a violência. Um projeto cultural, esportivo ou educacional para jovens de determinada comunidade não pode ser considerado de prevenção da violência pelo simples fato de ser realizado em uma comunidade com altos índices de homicídios ou porque a atividade “ocupa o jovem e o afasta da criminalidade”. O projeto deve existir porque a cultura, o esporte ou a educação são importantes para sua formação e são direitos garantidos a todos os jovens, independentemente de sua origem social.

Diferenciar as iniciativas de garantia de direitos dos projetos que têm intenção e foco na prevenção da violência é essencial, inclusive para medir o impacto e a eficácia das ações. É provável que, ao serem realizadas em territórios afetados pela violência (na maioria dos casos, comunidades marcadas por altos índices de exclusão social), as ações sociais tenham um impacto no envolvimento de grupos vulneráveis à violência. Mas se o projeto não tem a clara intenção de interferir nas dinâmicas da violência, nos fatores que levam o jovem a se envolver, esse será um “efeito colateral”.

Mas como fazer tal distinção? Um primeiro passo é escapar do senso comum e de concepções que associam automaticamente exclusão a violência e juventude a situação de risco. Além disso, é preciso realizar um diagnóstico da realidade local, que contemple informações sobre os autores, as vítimas e as condições em que acontecem as manifestações de violência: o que está por trás das brigas, o que potencializa homicídios, quais as características comuns aos jovens envolvidos? Com base nessas informações, é possível planejar ações que atuem diretamente nas causas e dinâmicas da violência.

Não é um caminho fácil nem existem respostas prontas, soluções mágicas, ou medidas que vão, sozinhas, dar conta do problema. Mas quanto mais associadas a um diagnóstico e quanto mais forem pensadas e trabalhadas de forma integrada com outras estratégias, mais eficazes serão. Esse é um caminho que acreditamos ser possível e que pretendemos incentivar com estas cartilhas.

Por onde
começar?

As Interfaces entre Cultura de Paz e Prevenção da Violência entre Jovens

Qual a primeira palavra que vem à sua cabeça quando dizemos “violência”? Soco, agressão, tapa, assassinato, preconceito, exclusão, assalto, xingamento, grito, estupro, tiro, desigualdade? A lista de possíveis respostas é extensa e nenhuma está mais certa ou mais errada, mas todas estão de alguma forma relacionadas ao que se concebe como violência: um “ato intencional que provoca um dano”.

De fato, violência é um termo que abarca significados e situações muito diversas. As manifestações da violência são também variadas: em alguns casos são mais visíveis e concretas, em outros, sutis, invisíveis, silenciadas. Por isso, alguns teóricos chegaram a dividir a violência em três tipos: direta (aquela que se vê), estrutural (relacionada com a forma como a sociedade está organizada) e cultural (normas, atitudes e valores). Segundo essa concepção, os três tipos de violência estão ligados e se retroalimentam – assim, por exemplo, um caso de violência direta teria, entre suas causas, as violências estrutural e cultural. Isso dialoga com a ideia de que a violência é um fenômeno complexo e multicausal e que por trás de um ato violento há diversos fatores de naturezas distintas. Portanto, não existe uma solução única para a violência, e sim a combinação de estratégias que respondem a todos os fatores ligados a um ato violento.

Atenção!

Saiba mais sobre os diversos tipos de violência na cartilha **Capacitação de gestores**.

Olhar para a violência por essa multiplicidade de manifestações e fatores pode parecer uma tentativa de complicar algo que já é suficientemente complicado. Mas é justamente o contrário: quando se deixa de acreditar em uma solução única e universal e se passa a analisar a violência mais a fundo, é possível obter pistas eficazes para enfrentar um problema tão complexo. E é quando se observam com mais detalhes as características da violência entre jovens no Brasil que o tema da cultura de paz se mostra tão relevante.

De forma resumida, a cultura de paz é um modo de pensar e agir que rejeita a violência e valoriza a diversidade, o diálogo, a negociação e a mediação como estratégias para a resolução dos problemas. Cada vez mais, a cultura de paz vem sendo discutida e disseminada, principalmente por educadores, para a construção de novos valores e de atitudes individuais e relações entre pessoas e grupos. Mas para muitas pessoas a cultura de paz ainda é um conceito tão amplo que chega a soar abstrato e inatingível.

Nesta cartilha, procuraremos mostrar como a cultura de paz pode ser trabalhada por meio de estratégias e ações para reverter a epidemia de violência letal que tem vitimado milhares de jovens brasileiros todos os anos. Para isso, é preciso entender a relação entre juventude e violência letal no Brasil.

Um olhar mais detalhado para os homicídios em nosso país revela um contexto em que a cultura da violência e a falta de investimento nos jovens (que acabam vendo na violência um caminho para a existência social) são fatores que impactam diretamente os índices. Os jovens são as maiores vítimas, sobretudo homens e, mais ainda, negros. O Mapa da Violência 2010, que reúne dados nacionais referentes a 2007, aponta, por exemplo, que naquele ano foram

A cultura da violência e a falta de investimentos nos jovens (que acabam vendo na violência um caminho para a existência social) impactam diretamente os índices de homicídios no Brasil.

assassinadas 47.707 pessoas, sendo 17.475 jovens de 15 a 24 anos. Desse grupo, 16.408 eram jovens homens e, entre eles, 11.905 eram negros.

Outros dados revelam que os homicídios se concentram nas grandes metrópoles, principalmente nas periferias, e a maioria dos assassinatos é provocada por pessoas que se conhecem, não têm antecedentes criminais e por motivos banais.

Podemos perceber, com base nessas informações, que a violência é uma forma de se relacionar naturalizada, valorizada e muitas vezes justificada pela sociedade brasileira. A maneira pela qual as pessoas negociam interesses e lidam com conflitos cotidianos, muitas vezes empregando recursos violentos, acaba culminando em mortes desnecessárias e alimentando um ciclo de violência que precisa urgentemente ser rompido.

A falta de tolerância e de respeito à diversidade, o medo do diferente, a ausência de espaços de convivência e mesmo de uma cultura de diálogo e mediação, além da valorização pela mídia de determinados símbolos, comportamentos e atitudes, são fatores diretamente relacionados a esse contexto e às altas taxas de homicídios no Brasil. Vale acrescentar que 70% dos homicídios são cometidos com armas de fogo, que para muitas pessoas ainda são vistas como símbolo de poder e defesa pessoal, mas na realidade acabam atuando como catalisadoras da violência.

Outro ponto que deve ser considerado e diz respeito à situação da nossa juventude, é o fato de a violência ser um recurso para o jovem ter visibilidade, reconhecimento e poder. Essa fase da vida é marcada pela experimentação, pela busca por pertencer a um “lugar ao mundo”. Os jovens procuram referências, testam comportamentos, associam-se a diversos grupos, numa tentativa de viver intensamente as emoções, consolidar sua identidade e construir um projeto de vida.

No Brasil, apesar dos inegáveis avanços em relação às políticas para crianças e adolescentes, faltam políticas específicas para a juventude que atendam a suas necessidades e às características dessa fase. Os gestores públicos têm criado órgãos voltados a esse

público, como a Secretaria Nacional de Juventude, o Conselho Nacional de Juventude, coordenadorias estaduais e municipais, mas ainda há muito a se avançar na construção de políticas direcionadas aos jovens, de emprego, cultura, esporte, saúde e até mesmo de segurança. Privados de direitos e de oportunidades para um desenvolvimento pleno e saudável, muitos jovens acabam apostando na violência como o caminho mais curto, fácil e rápido de se colocar no mundo, ganhar o respeito dos colegas, ter um lugar na comunidade, ser visto e ouvido pela sociedade.

“Há uma fome anterior à fome física; mais funda, mais radical e mais exigente que a fome física: a fome de existir, a necessidade imperiosa de ser reconhecido, valorizado, acolhido. Por isso, pelo menos tão importante quanto as vantagens econômicas, na cena da violência destaca-se a relevância dos benefícios simbólicos, afetivos, psicológicos, intersubjetivos.”

Novas políticas de Segurança Pública. Luiz Eduardo Soares.

Disponível em: <http://www1.jus.com.br/doutrina/texto.asp?id=4096>

Diante desse quadro fica clara e urgente a necessidade de se romper com a cultura da violência, tão presente e legitimada em nossa sociedade, e oferecer à juventude outros recursos, para que ela possa experimentar sua inserção no mundo de uma forma que não seja violenta. Esses são os caminhos que esta cartilha pretende apontar, sugerindo ações e ferramentas para se trabalhar a cultura de paz e, assim, transformar o triste ciclo de violência que vem ceifando a vida de quase 20 mil jovens brasileiros todos os anos.

Conceitos importantes

Violência e Cultura de Paz

Para desenvolver estratégias que promovam a cultura de paz entre a juventude, é preciso conhecer melhor esse conceito e entender como ele pode ser colocado em prática. Também é essencial capacitar gestores, educadores e outros profissionais que atuam com os jovens para que se apropriem desses conceitos e, mais do que isso, rejeitem seus valores e posturas, incorporando no dia a dia os princípios da cultura de paz.

A quebra de paradigmas e premissas equivocados em relação à violência e às formas de enfrentá-la é um passo essencial, pois tais premissas influenciam posturas e propostas também equivocadas. Fazer uma reflexão e uma análise crítica ajuda a desconstruir mitos, repensar posturas dos educadores e construir ações mais eficazes. O diretor do INPAZ (Instituto Nacional de Educação para a Paz e os Direitos Humanos) Feizi Milani elaborou uma lista de premissas que devem ser trabalhadas e desmistificadas, entre as quais destacamos as seguintes:

- “A violência é um ente com existência própria”. A violência não existe por si só, nem se dissemina por si mesma. O que existe são pessoas, grupos, relacionamentos, fatos, organizações que atuam de maneira violenta, e precisam ser foco das ações de transformação.
- “A violência é um fenômeno único”. Como já foi mencionado, a violência se manifesta de diversas formas, mais ou menos visíveis, mais ou menos graves. O mais adequado é entender que não existe um só tipo de violência, mas violências, e buscar ser específico: de qual violência estamos falando e queremos tratar, pois isso interfere na escolha das estratégias.
- “A violência tem uma única causa e, portanto, eliminando essa causa, ela desaparecerá”. A violência é um fenômeno social complexo, com múltiplas causas, faces e dimensões. Por isso, seu enfrentamento exige uma atuação em diversos níveis, empregando múltiplas estratégias.
- “A violência é culpa de maus elementos, degenerados, que precisam ser banidos do convívio social”. Essa é uma premissa simplista, que divide as pessoas entre boas e

más e não reflete a realidade. A maioria dos casos de violência ocorre entre pessoas sem antecedentes criminais. Tomando como exemplo uma escola, é possível perceber três grupos: uma minoria que recorre sempre à violência, uma minoria que nunca pratica violência e uma vasta maioria que só faz uso da violência de acordo com as circunstâncias. Em vez de segregar os indivíduos, é importante criar um ambiente inclusivo, que estimule a convivência pacífica de forma que as pessoas não encontrem motivos para fazer uso da violência.

- “A violência está automaticamente associada à pobreza”. Tal associação faz parte do senso comum e não reflete a realidade de nossa sociedade. É preciso reconhecer que a violência está presente em todas as classes sociais e não é a pobreza que causa a violência.
- “A violência é um problema inerente aos jovens”. Apesar de alguns tipos de violência afetarem sobretudo a juventude, o problema não está nos jovens, não foram eles que inventaram a violência. É necessário entender quais características da juventude tornam os jovens mais vulneráveis a se envolver em situações violentas, para então desenvolver ações específicas.
- “A repressão é o antídoto para a violência”. A repressão é importante e faz parte do processo de responsabilização dos indivíduos, mas não deve ser o único recurso em todos os casos de violência. Ela precisa estar combinada a ações preventivas e ter um caráter educativo, não meramente punitivo ou vingativo.
- “A violência está banalizada”. De fato, a violência (ou melhor, as violências) está disseminada em nossa sociedade, mas é essencial continuar não tratando o fenômeno como algo natural e inevitável da vida em sociedade. Também é importante não supervalorizar a violência, encarando qualquer situação banal como mais um caso de violência.

Afinal, o Que é Cultura de Paz?

Segundo a definição das Nações Unidas, a cultura de paz é um conjunto de valores, atitudes, posturas e modos de vida que rejeitam a violência e previnem os conflitos, por meio do diálogo e da negociação entre os indivíduos, os grupos e os Estados. Em 1999, a Assembleia Geral da ONU adotou uma resolução convocando um Movimento Global para uma Cultura de Paz. Esse movimento não depende só das Nações Unidas, mas de cada

um de nós, dos governos, comunidades, ONGs, escolas, mídia e outros movimentos que, juntos, devem trocar informações e trabalhar de forma integrada.

O conceito de cultura de paz parte do princípio de que a violência não é inerente à humanidade, nem a paz. A paz precisa ser ensinada, aprendida e estimulada. Juntos, podemos transformar a cultura de guerra e violência em uma cultura de paz. Nesse processo de mudança, cada um pode dar a sua contribuição para dar aos jovens e às gerações futuras valores que os ajudem a forjar um mundo mais digno e harmonioso, um mundo de justiça, solidariedade, liberdade e prosperidade.

Mas como traduzir tais valores e mudanças desejados em ações concretas? Alguns estudiosos apontam que isso pode ser feito em dois níveis: micro e macro. Ou seja, que é possível atuar tanto no nível do indivíduo – transformando seu comportamento, vida familiar e relações na comunidade – quanto no nível macro, repensando processos sociais, criando políticas públicas, estruturas institucionais e programas educativos condizentes com os valores da paz. Nos dois casos, vale se orientar pelos seguintes conceitos:

- A cultura de paz é uma escolha, uma opção que pressupõe ação.
- O discurso da cultura de paz não deve ser banalizado nem deturpado como algo abstrato e utópico.
- É preciso construir ativamente a paz que se almeja; simplesmente falar de violência como algo que não se deseja não vai resolver o problema.
- A construção da paz é um processo educativo: as pessoas precisam vivenciar, sentir, refletir, debater, planejar e concretizar ações.

Construir a paz ativamente significa adotar novas formas de se relacionar, a partir da valorização de determinados princípios, comportamentos e atitudes. Reconhecer a importância do coletivo em detrimento de interesses individuais, considerar que nossas ações afetam o outro (e entender como cuidar disso), olhar a diversidade como algo positivo e necessário, estabelecer relações baseadas na empatia e em uma real capacidade de se interessar pelo outro, valorizar o diálogo e a cooperação são pontos importantes nesse processo.

Você
sabia?

Manifesto por uma Cultura de Paz e Não Violência

No ano 2000 (ano internacional para a cultura de paz), a UNESCO, juntamente com os laureados do prêmio Nobel da Paz esboçaram o Manifesto por uma Cultura de Paz e Não Violência. O manifesto pretende promover a conscientização e o compromisso individuais e afirma que é da responsabilidade de cada ser humano traduzir os valores, atitudes e comportamentos que inspiram a cultura de paz. Mais de 100 milhões de pessoas em todo o mundo já assinaram esse manifesto, que contém seis pontos, ou atitudes, que as pessoas podem adotar:

- **RESPEITAR A VIDA** - Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminar nem prejudicar.
- **REJEITAR A VIOLÊNCIA** - Praticar a não violência ativa, repelindo a violência em todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular ante os mais fracos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes.
- **SER GENEROSO** - Compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais, cultivando a generosidade, a fim de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão política e econômica.
- **OUVIR PARA COMPREENDER** - Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre a escuta e o diálogo, sem ceder ao fanatismo nem à maledicência e ao rechaço ao próximo.
- **PRESERVAR O PLANETA** - Promover um consumo responsável e um modelo de desenvolvimento que tenha em conta a importância de todas as formas de vida e o equilíbrio dos recursos naturais do planeta.
- **REDESCOBRIR A SOLIDARIEDADE** - Contribuir para o desenvolvimento de minha comunidade, propiciando a plena participação das mulheres e o respeito dos princípios democráticos, com o fim de criar novas formas de solidariedade.

Leia mais:

http://www.comitepaz.org.br/o_manifesto.htm

Como fazer?

Promoção da Cultura de Paz para a Prevenção da Violência

As propostas desta cartilha estão orientadas pela ideia de que é importante oferecer aos jovens condições saudáveis e pacíficas de reconhecimento, valorização, pertencimento e relações interpessoais, para que eles não precisem recorrer à violência como um caminho para existir na sociedade ou para se relacionar. Estimular a construção, a valorização e a disseminação da cultura da paz na formação dos indivíduos, em suas relações e na resolução de conflitos, faz muito sentido diante desse desafio.

Um programa de promoção da cultura de paz pode e deve abarcar diversas temáticas e estratégias. Isso não significa que será preciso reformular ações e projetos, partir do zero, mas que é possível incluir tais estratégias em projetos já existentes. Acreditamos que ações desenvolvidas com a juventude, buscando fortalecer a construção de identidade, estimular a expressão e a convivência e o desenvolvimento de um projeto de vida, podem ser potencializadas e de fato contribuir para a prevenção da violência, desde que consigam trabalhar aspectos da cultura de paz e da desvalorização da cultura de violência. Nesse sentido, entendemos que os seguintes aspectos são prioritários:

- Fortalecer referências positivas, não violentas, entre os jovens.
- Estimular a diversidade e a resolução pacífica de conflitos.
- Não legitimar a violência.

A nosso ver, essas estratégias dialogam com dois conceitos centrais quando se pensa em ações de promoção da cultura de paz para superar o envolvimento da juventude com a violência: o desenvolvimento de novas possibilidades de inserção dos jovens, de um lado, e a desvalorização da cultura de violência e sua substituição por formas pacíficas de se relacionar e conviver, de outro.

A seguir, detalharemos essas estratégias com sugestões de ações e recomendações inspiradas em projetos e iniciativas já existentes. Vale lembrar que quanto mais tais estratégias forem trabalhadas de forma integrada, melhores os resultados do projeto ou da ação.

Fortalecer Referências Positivas, Não Violentas, Entre os Vovens

Considerando que os jovens estão em um momento de vida de experimentação e construção de sua identidade e presença no mundo, é inegável o papel de pessoas de referência em suas vidas, principalmente de seus pares – colegas, amigos, conhecidos, pessoas da escola ou da comunidade. Na busca por reconhecimento, validação e inserção nos grupos, os jovens acabam repetindo comportamentos e atitudes de pessoas que eles respeitam e admiram. E pensando bem, quem de nós nunca quis ser igual à menina mais popular da classe, ou ser tão bom no futebol quanto o colega do clube, ou tão inteligente, ou desejado, ou tão forte, ou tão respeitado quanto algum conhecido quando éramos jovens?

Numa sociedade que naturaliza, legitima e valoriza a violência como uma forma de agir e se colocar no mundo, muitas vezes as referências e os modelos do que é ser “bacana” para os jovens são o rapaz que anda armado, o machão que bate na namorada e não leva desaforo para casa, a garota que é respeitada e temida pelas colegas de classe porque briga com todas. Quando essas pessoas ganham a admiração e o respeito dos outros em virtude de sua postura violenta, parece impossível, para todos aqueles que rejeitam a violência, ter um lugar no mundo.

Fazendo um salto da realidade à ficção, podemos lembrar dos personagens do filme *Cidade de Deus*: Zé Pequeno e Buscapé. Zé Pequeno cansou de ser Dadinho, se envolveu com o crime, ganhou uma arma, começou a gritar, mandar e desmandar na comunidade. Foi parar na capa do jornal. Buscapé estudava, trabalhava e “corria pelo lado certo”. Também queria um lugar no mundo. Acabou atrás da câmera que fotografou Zé Pequeno para a capa do jornal. Mas será que não era Buscapé que deveria ser o fotografado? Quantos garotos como ele não estão vivendo à sombra de Zé Pequenos? Quantos resistem a se envolver com a violência diante de todo o *poder* que ela pode lhes oferecer?

Hoje, existe uma percepção de que o que traz status entre jovens homens moradores das periferias é a moto, a arma, a mulher bonita. É por isso que é tão importante criar, fortalecer e valorizar referências juvenis positivas nas comunidades: jovens que correm atrás de seus sonhos e projetos, que estão envolvidos com esporte, com cultura, que querem melhorar a vida da comunidade, sem recorrer à violência.

**É importante criar,
fortalecer e valorizar
referências juvenis
positivas.**

Esse processo não é fácil, pois os jovens que vivem nas comunidades mais marcadas pela violência enfrentam diariamente inúmeras dificuldades e desafios, que dizem respeito a sua representação, sua identidade, sua relação com a comunidade, à falta de oportunidades ou de conhecimento para colocar em prática seus projetos, entre outros. Mas todas as comunidades têm seus Buscapés. A questão é como dar visibilidade e valorizar essas pessoas. Aqui, apontamos dois caminhos complementares: trabalhar a autoestima e a identidade dos jovens e investir e dar visibilidade aos grupos juvenis.

Autoestima e Identidade Cultural e Territorial da Juventude

Ao olharmos para os dados sobre a violência letal no Brasil, chama a atenção o fato de que os homicídios se concentram nas regiões periféricas das metrópoles, marcadas por um intenso, recente e pouco planejado processo de ocupação e altos índices de exclusão social. A ausência de equipamentos públicos que garantem o acesso a saúde, educação, esporte, cultura e justiça, e a inexistente ou baixa qualidade de serviços básicos são uma triste faceta desses lugares, onde se percebe também pouca mobilização popular e uma descrença em ações coletivas como formas de superar os problemas locais.

A maneira como tais comunidades são representadas, sempre como um contraponto à riqueza e à segurança de outras regiões da cidade, faz que sejam marcadas pelos estigmas da violência e da ausência generalizada, criando em seus moradores um sentimento de desesperança. Quantas vezes já não escutamos jovens declararem que têm vergonha de viver em tal comunidade, e na hora de procurar emprego dizem que moram em outro bairro para não perder a vaga? Ou quantos jovens não dizem que, assim que tiverem uma oportunidade, mudarão de bairro? E quantos jornais não publicam notícias sobre certos lugares com manchetes como “vivendo no inferno”, “o mapa do crime”, reforçando ainda mais o estigma sobre esses locais e seus moradores?

É em vista desse contexto que se revela tão importante desenvolver ações que fortaleçam a identidade dos jovens, seu vínculo com aquela comunidade e aquele espaço, sua origem e sua bagagem cultural. Não é olhando somente para o que falta que se pode construir um projeto de vida saudável e pensar em caminhos alternativos à violência.

Muitos projetos, atualmente, já trabalham com a questão da autoestima, do pertencimento e da identidade juvenil. Como, então, fazer esse trabalho com foco na cultura de paz? Um caminho pode ser relacionar essas questões a comportamentos e atitudes violentas que muitas vezes passam despercebidas: *como o meu comportamento, minha linguagem, minhas atitudes interferem na forma como eu sou visto? Como eu quero ser visto?*

Outro caminho pode ser trabalhar a identidade, a autoimagem e a representação da comunidade, buscando desconstruir estereótipos e apontar perspectivas diferentes. Para isso, pode ser interessante fazer um trabalho de discussão e análise dos meios de comunicação. Como tais espaços podem ser utilizados para promover outra imagem das pessoas, dos grupos e comunidades? Como podem ajudar a desconstruir os estigmas que recaem sobre os locais e seus moradores?

Também é importante, além de uma discussão sobre o que os meios de comunicação retratam, criar iniciativas que reúnam e difundam o que existe de positivo na comunidade. Disputar um espaço no imaginário das pessoas entre o que há de bom e o que há de ruim é uma forma de desconstruir o senso comum de que não se produz nada positivo em localidades marcadas pela violência. Exposições de arte, festivais de música, mostras culturais, fóruns que reúnem o trabalho das associações locais, ações conjuntas desenvolvidas por diversas escolas para divulgar a produção de seus alunos, são alguns dos exemplos do que pode ser feito.

Atenção!

Os adolescentes e jovens têm desenvolvido uma postura crítica em relação aos meios de comunicação e buscado criar *fanzines*, jornais, murais, programas de rádio, *blogs*, *websites* e outros espaços para ser ouvidos. Muitos projetos estão estimulando que os jovens produzam notícias e contem histórias a partir de sua perspectiva, sua experiência.

Em projetos que atuam com a comunicação, pode ser interessante promover discussões sobre a representação da comunidade e dos seus moradores nos meios de comunicação, sobre o motivo de serem vistos como violentos e como as histórias de crime e violência podem ser reescritas, disseminando outros olhares e perspectivas sobre esses locais.

Investimento no Protagonismo Juvenil em Prol de Ações Coletivas

Outro desafio essencial para a consolidação de referências juvenis positivas é o investimento e a promoção do protagonismo juvenil, em prol do bem-estar de um grupo ou de uma comunidade. Quando se deixa de olhar para o jovem apenas como um problema, como alguém a quem lhe foram negados direitos, a quem falta tudo, percebem-se muitas potencialidades. A juventude é historicamente um grupo que contribuiu bastante para grandes mudanças na sociedade, questionando valores, buscando criar novas atitudes e comportamentos. Os jovens são questionadores, inquietos, criativos e cheios de energia, e precisam de oportunidades para colocar suas inquietações em prática e transformá-las em ações que melhorem a vida de suas comunidades, sem precisar recorrer à violência.

Ao vivenciar um processo de mobilização coletiva em torno de uma causa comum, os jovens experimentam novas formas de se relacionar, têm de aprender a definir prioridades, ouvir o outro, negociar interesses, dialogar e chegar a consensos – ferramentas muito importantes para a vida em sociedade. Estimular esse trabalho, além de contribuir para uma formação cidadã da juventude, é uma maneira de possibilitar que os jovens vislumbrem outros projetos de vida, que ampliem seu repertório, que possam de fato fazer escolhas baseadas em seus desejos e potencialidades e não apenas nas circunstâncias.

Ao vivenciar processos de mobilização coletiva, os jovens experimentam novas formas de se relacionar.

Para que isso aconteça, é necessário não apenas mobilizar os jovens para a ação coletiva, mas formá-los para que consigam identificar demandas na comunidade, organizar e escrever projetos, buscar parcerias e recursos, gerir esses recursos, prestar contas de suas ações e pensar na continuidade de seus projetos. Um apoio financeiro também é importante, mas precisa estar vinculado a processos formativos que invistam na autonomia dos grupos

juvenis, para que cada vez mais sejam capazes de “andar com as próprias pernas” e até mesmo sejam disseminadores desse conhecimento e atuem como formadores de outros grupos e ações de jovens.

Por fim, é essencial proporcionar visibilidade e reconhecimento a esses grupos, já que a ideia é torná-los referências entre os jovens.

Sugestões:

- Trabalhar o resgate das histórias de vida dos jovens, promovendo reflexões sobre sua trajetória e seu projeto de vida, incluindo nessa discussão a cultura da violência e a cultura de paz.
- Incluir, nos projetos pedagógicos de qualquer iniciativa com jovens, a importância da responsabilização dos jovens pelas suas atitudes, entendendo que isso faz parte de um processo educativo e transformador. Estamos acostumados a colocar a “culpa” no outro sem refletir qual é a nossa responsabilidade, e é muito importante mudar isso.
- Discutir papéis, representações e comportamentos disseminados pela mídia em comerciais, filmes, programas, redes sociais, buscando produzir novas versões e propostas, por exemplo, sobre o machão, a garota submissa, os jogadores de futebol violentos e outros estereótipos que reforçam a cultura de violência.
- Desenvolver projetos de formação de jovens empreendedores em suas comunidades, com foco na importância de ações coletivas, na criação de parcerias, na gestão e na sustentabilidade das ações, por exemplo, como tornar um campeonato de futebol permanente naquela comunidade? O fato de criarmos um grupo que precisa ter um objetivo comum já é uma grande ferramenta para trabalhar a resolução de conflitos, a capacidade de negociação, ceder, ouvir, defender posições. E a concretização da ação é fundamental para que os jovens experimentem na prática que é possível fazer diferente.

- Criar mecanismos de apoio e fomento à ação de grupos juvenis, como editais, incluindo nos critérios de seleção das iniciativas aspectos ligados à cultura de paz, por exemplo, um edital para que grafiteiros criem uma exposição valorizando a não violência; um financiamento para que grupos culturais criem produtos disseminando o diálogo e a paz.
- Formar jovens multiplicadores de cultura de paz, capazes de dialogar com seus pares e promover ações de valorização de cultura de paz por meio da arte, da cultura e do esporte.
- Dar visibilidade às ações de jovens. Incluir os grupos na agenda cultural, esportiva ou artística local, difundir seu trabalho em *sites*, *blogs* e jornais da comunidade, promover festivais e outras ações com os “talentos” locais, são maneiras de torná-los conhecidos e fazer que seu comportamento e atitudes sejam de fato valorizados e desejados.

Estimular a Diversidade e a Resolução Pacífica de Conflitos

Em muitos projetos que atuam com adolescentes e jovens, é comum ouvir os profissionais dizerem, com orgulho: “aqui não tem conflito, não tem briga, os jovens são calmos”. Essa observação pode soar positiva e indicar que está tudo em paz, mas pode ser também um indicativo de que se trata de uma paz artificial, silenciada. Isso porque existe uma crença de que o conflito é algo negativo, um “problema” que não pode existir, precisa ser aniquilado. Essa concepção é equivocada na medida em que entende que o problema está na existência do conflito, quando na verdade o problema está na forma como os conflitos são resolvidos.

O conflito faz parte da vida em sociedade, é normal que pessoas tenham interesses, desejos e expectativas diferentes e que tentem fazer valer sua vontade. Quando os conflitos são silenciados, não deixam de existir, pelo contrário, podem gerar reações ainda mais violentas.

tas. Por isso, em vez de negar os conflitos, é preciso aproveitá-los como oportunidade para que as pessoas aprendam e exercitem o diálogo, a negociação, o debate em grupo para chegar a uma decisão coletiva.

Quanto mais os jovens convivem com a pluralidade, mais estarão preparados para lidar com os conflitos.

Como já foi apontado, a violência letal está, em muitos casos, associada a uma falta de repertório para conviver e lidar com o diferente. Quanto menos os jovens exercitarem outras formas de resolver seus conflitos que não sejam pela violência (seja ela verbal ou física), mais continuarão a repetir atitudes e modelos violentos, e mais acreditarão que essa é a única forma de agir. Um primeiro passo, portanto, é incluir o diferente no dia a dia do projeto, evitando a homogeneidade de público e de ideias que de fato não refletem a realidade: o mundo é plural, diverso, com pessoas

de tribos diferentes e formas de ver o mundo bastante diversificadas. Quanto mais os jovens convivem com a pluralidade, mais estarão preparados para lidar com as diferenças e para agir diante dos conflitos que inevitavelmente surgirão desse encontro.

Qualquer ação ou projeto voltado para a juventude deve incluir a possibilidade de os jovens experimentarem outras formas de resolução de conflitos, exercitando o diálogo e a escuta do outro. Isso começa, como dissemos, por criar um ambiente em que os diferentes devem conviver, mas passa também por possibilitar que os jovens vivenciem outras maneiras de se expressar e comunicar, valorizando a escuta do outro, a cooperação, o trabalho em equipe e o respeito à diversidade. Afinal, a cultura de paz prevê a transformação de atitudes, mas também de valores.

Essa transformação não vai acontecer de uma hora para a outra e muito menos se os jovens simplesmente tiverem que ouvir “sermões” sobre a importância de tal valor, tal atitude. A cultura de paz precisa ser vivenciada e os valores também. As pessoas muitas vezes

agem de determinada maneira, ou têm uma visão específica de algo simplesmente porque acreditam que aquela é a única forma de pensar, julgar e se posicionar. Oferecer condições para que as pessoas vivenciem outras formas de se relacionar, questionem seus valores, é essencial para promover uma transformação mais efetiva.

Esse trabalho pode ser feito em ações de arte, cultura e esporte, que são momentos em que os jovens trabalham sua expressão, sua relação com o mundo e com o outro e também a convivência com o diferente, de uma forma mais lúdica e livre. O importante é que os educadores e outros profissionais que lidam com os jovens estejam preparados para aceitar a existência da diferença e dos conflitos como algo positivo e gerador de processos educativos importantes para o desenvolvimento dos jovens, e consigam perceber se há conflitos ou potenciais conflitos no grupo, procurando então construir coletivamente formas de resolvê-los que não sejam pela violência.

Oferecer condições para que as pessoas vivenciem outras formas de se relacionar é essencial para promover uma transformação mais efetiva.

Sugestões:

- O primeiro passo é perceber que o educador, ou o profissional que lida diretamente com os jovens, é um profissional de referência para o grupo e, portanto, deve ser um exemplo de alguém que sabe ouvir, dialogar, estimular a participação do grupo e resolver os conflitos de maneira pacífica. É preciso olhar as diferentes perspectivas que estão em jogo, fazer com que um se coloque no lugar do outro antes. Isso pode ajudar a chegar a uma solução de consenso.

- Construir com o grupo as “regras de convivência”, o que pode e o que não pode no projeto (Pode chegar atrasado? Pode sair para beber água? Pode xingar o colega?), e o que acontece se alguém quebrar uma regra. Quando o próprio grupo constrói as regras, passa a zelar por elas. Retomar essas regras sempre que for preciso, estando aberto a rediscuti-las se for o caso.
- Fomentar o encontro de diferentes, seja repensando o perfil de jovens que se quer atrair para o projeto, seja promovendo ações de esporte, cultura e comunicação que estimulem a interação de grupos e “tribos” diversas: um festival de música com *rappers* e pagodeiros, um evento esportivo com garotos e garotas, crianças e jovens etc.
- Muitos projetos atualmente buscam criar um ambiente participativo, com espaços para os jovens se expressarem no começo e no final das atividades, avaliando o que foi realizado ao longo do processo, do que gostaram, como se sentiram etc. Aproveitar esses momentos para estimular o grupo a falar de conflitos que surgiram, de como se sentem em relação a eles e de que formas eles podem ser solucionados é um caminho interessante para que o grupo vivencie outras maneiras de resolver os conflitos.
- A discussão sobre os conflitos e a responsabilização das pessoas não precisam necessariamente acontecer de uma forma rígida. Na cidade de Bogotá, por exemplo, a prefeitura contratou mímicos para brincar e ridicularizar as pessoas que infringiam as leis de trânsito, entendendo que esse poderia ser um meio mais eficaz de fazer os cidadãos repensarem suas condutas.
- O esporte é um excelente instrumento educativo e quando as atividades esportivas são promovidas na perspectiva não do rendimento e da competição, mas da participação, da interação entre diferentes e da cooperação, a atividade pode se tornar não só mais prazerosa para os jovens, como permitir que eles vivenciem outras formas de se relacionar. Mudar as regras (estimulando a cooperação em vez da competição), promover a interação de grupos diversos, não separar os aptos dos inaptos, mais novos dos mais velhos, garotos das garotas etc., são ações simples que podem surtir resultados surpreendentes.

- Trabalhar a comunicação interpessoal, com foco na maneira como as pessoas se comunicam: quais as intenções, o tom adequado, como desenvolver a capacidade de escuta e pensar nas consequências de uma comunicação violenta são aspectos importantes.

Você sabia?

Em 2008, foram realizados os Jogos Espaços Criança Esperança, reunindo adolescentes e jovens atendidos nos quatros projetos Espaço Criança Esperança (São Paulo, Rio de Janeiro, Olinda e Belo Horizonte). Os jogos foram organizados para aproveitar o potencial educativo do esporte e estimular valores como a interação com o diferente, o trabalho em equipe e o respeito entre todos os participantes. Para evitar a rivalidade entre cada Espaço, cada time foi composto por adolescentes e jovens de todas as cidades. Após cada jogo, era realizada uma roda de mediação, onde os educadores e o time avaliavam como havia sido o trabalho em equipe, o respeito aos colegas e ao adversário. Para cada um desses itens, o time ganhava pontos.

A pontuação de cada partida não era simplesmente o resultado do jogo, pois ele era somado com os pontos obtidos nessa avaliação, mostrando que não basta competir; a atitude de cada atleta e de seu time é tão importante quanto seu rendimento.

Atenção!

A mediação de conflitos é uma ferramenta muito interessante para que as pessoas resolvam suas desavenças sem precisar recorrer à violência. A mediação pode assumir diversos formatos, o importante é a existência de uma terceira pessoa, o mediador ou mediadora, que tem uma postura imparcial e capacidade para estimular duas partes a expor seus pontos de vista e chegar então a um acordo. Mas a decisão final não deve ser do mediador – ele não é um juiz. O mediador pode e deve conduzir as partes a uma negociação, fazer que um ouça o outro, tentem entender as razões e os desejos do outro, para então chegarem a uma decisão. A responsabilização das partes que estão em conflito é essencial. Elas precisam se sentir parte da solução.

Existem vários modelos de mediação, dos mais formais aos muito informais, como em ações nas escolas onde outros jovens são formados para atuar como mediadores de seus colegas. Os educadores dos projetos também têm um importante papel como mediadores e devem estar atentos para diagnosticar possíveis conflitos no grupo.

Não Legitimar a Violência

Esse aspecto pode parecer óbvio, mas no dia a dia de diversos projetos que atuam com a juventude acaba sendo deixado de lado. Muitos educadores se queixam de que os participantes dos projetos são violentos, agressivos, às vezes chegam armados, em outras fazem ameaças, provocam brigas, deixando os profissionais sem reação. Em alguns casos, eles não reagem porque estão de fato amedrontados, ou porque não querem tolher os jovens; em outros, acabam exagerando na resposta, utilizando estratégias e respostas violentas que só aumentam as tensões e estimulam um ambiente de intolerância, disputa e desconfiança.

Mas se a razão de ser de um projeto ou ação social é promover uma transformação, é preciso que os profissionais entendam a importância de mudar valores e das pequenas e grandes atitudes que acabam, de forma sutil ou não, legitimando e reforçando a ideia de que a violência é legal, natural, ou até mesmo um mal necessário, que não é possível fazer diferente.

Existem várias formas de os educadores se posicionarem, promoverem questionamentos com o grupo e trabalharem a desnaturalização da violência, como debatendo com o grupo se algumas atitudes são de fato naturais e aceitáveis, e mostrando como é possível fazer diferente.

Muitos educadores não se sentem à vontade em realizar esse papel, porque não são daquela comunidade ou porque têm uma origem social distinta e se sentem deslegitimados a fazer uma intervenção em uma realidade que não é a sua. Mas o silêncio e a omissão são as piores respostas a um grupo, ou a situações específicas de violência: eles só contribuem para reforçar os estigmas dos jovens de “vítimas da sociedade” e pessoas “incuráveis”.

O silêncio e a omissão são as piores respostas a situações de violência.

É preciso lembrar que o profissional que trabalha diretamente com adolescentes e jovens em um projeto acaba se tornando uma pessoa de referência, com quem os jovens estabelecem vínculos e uma relação de confiança. Por isso, o próprio profissional também deve repensar suas atitudes, comportamentos e valores, procurando agir como uma referência positiva que dissemina e contribui para que valores como participação, diálogo, cooperação, respeito ao diferente sejam concretizados.

O profissional também deve estar mais preparado para lidar com situações de violência mais graves: conhecer o papel da polícia, como fazer denúncias, quais os caminhos legais que precisam ser acionados em casos extremos etc. Conhecer a rede de proteção na comunidade, assim como os agentes de segurança (policiais e guardas) que atuam ali, é um passo importante também.

Sugestões:

- Marcar com o grupo, em todos os momentos, que a violência não é legal, não é “bancana” e não é aceita. Isso diz respeito tanto aos casos de violência entre os integrantes do grupo, quanto à violência que acontece na comunidade e à qual as pessoas vão se acostumando e deixando de reagir. Em um projeto em Chicago, chamado *Cease Fire*, que trabalha pelo fim da violência armada, a comunidade se reúne e se manifesta toda vez que acontece um assassinato, para não deixar que aquilo se torne um fato corriqueiro, normal e aceitável. No Jardim Ângela, distrito de São Paulo que já foi conhecido por seus altos índices de homicídios, todo ano é realizada uma caminhada em defesa da vida e pela paz, que reúne mais de 30 mil pessoas dispostas a mostrar, nas palavras de um de seus organizadores, “que a vida vale a pena”.
- Estar atento não só a atitudes e posturas violentas, mas a formas de se expressar, símbolos valorizados pelos jovens e conversar abertamente sobre isso: é legal ter uma arma? As pessoas precisam mesmo andar armadas para conseguir respeito? Rotular, ridicularizar um colega é legal?

- Promover com os jovens diversas ações de repúdio à violência, como campanhas de desarmamento, caminhadas pela paz, shows, peças de teatro que questionem a cultura da violência e disseminem valores de cultura de paz.

Você sabia?

Em um bairro do Jardim Ângela, em São Paulo, um grupo de jovens que faz parte do coletivo *A Banca* decidiu organizar uma quermesse diferente das tradicionais quermesses juninas, geralmente financiadas por grupos criminosos e onde as pessoas andam armadas e costumam se encontrar para acertar contas.

Eles buscaram parcerias com comerciantes locais, conversaram com os moradores para definir quem poderia vender comida, bebida, quem cuidaria das atrações musicais etc. e fecharam o trecho de uma rua todos os fins de semana.

Na entrada, a ordem expressa era: não se entra armado. Os organizadores conversavam e conseguiam dissuadir as pessoas de que, se aquele era um ambiente seguro, nada justificava a presença de uma arma.

Recomendações Gerais

Como foi apresentado, a cultura de paz está diretamente relacionada a inúmeras situações de violência nas quais os jovens estão envolvidos – mesmo as mais graves. Trabalhar a promoção da cultura de paz em projetos com a juventude é uma concepção bastante nova e pouco explorada, mas acreditamos que é um caminho essencial e pode trazer resultados em curto prazo, promovendo mudanças de atitudes que certamente terão impacto nos casos de violência.

Para trabalhar a cultura de paz com foco na prevenção da violência não é necessário criar projetos novos, partir do zero; é possível inserir estratégias em ações que já estão sendo desenvolvidas, visando interferir na maneira como os jovens se relacionam, em como resolvem seus conflitos e como constroem sua identidade com base em modelos violentos ou pacíficos.

É importante preparar os profissionais que atuam com adolescentes e jovens capacitando-os para incorporar essa perspectiva e atuar como mediadores e agentes importantes dessa transformação. E quanto mais esse processo for feito de maneira participativa, escutando os jovens e incluindo-os na elaboração das estratégias, melhores resultados terá.

Esperamos, com as dicas e caminhos apontados nesta cartilha, contribuir para que muitas iniciativas sejam criadas, e que elas possam ser cada vez mais disseminadas pelo país.

Saiba mais

Sobre estratégias de atuação com adolescentes e jovens:

- *Caminhada de crianças, adolescentes e jovens na rede do tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro, 2004-2006*. Sumário executivo da pesquisa. Observatório de Favelas, 2006
Disponível em: <http://www.observatoriodefavelas.org.br>
- *IVJ-Violência e Exposição da juventude à violência*. Prevenção da Violência entre Adolescentes e Jovens no Brasil: Estratégias de Atuação – Eixo 1. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2009
Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br>
- *Juventude e violência no Brasil contemporâneo*. Luiz Eduardo Soares. In: *Juventude e sociedade*. Regina Novaes e Paulo Vannuchi. Editora Fundação Perseu Abramo, 2004
- *Juventude e violência: novas demandas para a educação e a segurança públicas*. Robson Sávio Reis Souza e Ângela Maria Dias Nogueira Souza. Revista Brasileira de Segurança Pública, ano 4, edição 6, fev/mar 2010
Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br>
- *Mapa da Violência 2010 - Anatomia dos homicídios no Brasil*. Julio Jacobo Waiselfisz, Instituto Sangari, 2010
Disponível em <http://www.institutosangari.org.br/mapadaviolencia/MapaViolencia2010.pdf>
- *Meninos do Rio: jovens, violência armada e polícia nas favelas cariocas*. Sílvia Ramos. Boletim Segurança e Cidadania, n. 13, dezembro 2009
Disponível em: <http://www.ucamcesec.com.br/arquivos/publicacoes/boletim13.pdf.pdf>

Sobre mídia e violência:

- *Balas perdidas. Um olhar sobre o comportamento da imprensa brasileira quando a criança e o adolescente estão na pauta da violência*. ANDI, 2001
Disponível em: http://www.andi.org.br/_pdfs/BalasPerdidas.pdf
- *Micropoderes, macroviolências: mídia impressa e aparato policial*. Suzana Varjão. Editora da Ufba, 2008
- *Mídia e violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Sílvia Ramos e Anabela Paiva. IUPERJ, 2007

Sobre perspectivas de atuação com adolescentes e jovens:

- *Cultura de paz: Estratégias, mapas e bússolas*. Feizi M. Milani e Rita de Cássia Dias P. Jesus (organizadores). Edições INPAZ, 2003
- *Educação Pelo Esporte - Educação Para o Desenvolvimento Humano Pelo Esporte*. Walderez Nosé Hassenpflug. Saraiva, 2004
- *Educar en y para el conflicto y la convivencia*. Paco Cascón Soriano. Andalucía Educativa, nº 53, 2006
Disponível em: <http://www.edualter.org/material/denip2009/apuntes.pdf>
- *Futebol libertário: um jeito novo de jogar na medida*. Fábio Silvestre da Silva. Casa do Psicólogo, 2007
- *Juventude, cultura e cidadania*. Regina Novaes, Marta Porto e Ricardo Henriques (organizadores). ISER, 2002
- *Mediação escolar de pares - semeando a paz entre os jovens*. Corinna Schabbel. Willis Harman House, 2002
- *Paz. Como se faz? Semeando cultura de paz nas escolas*. Lia Diskin e Laura Gorrezio Roisman. Governo do Estado de Sergipe, UNESCO, Associação Palas Athena, 2002
Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001467/146767POR.pdf>
- *Sistematização de Projetos de Prevenção da Violência entre Jovens*. Relatório de Pesquisa. Projeto Prevenção da Violência entre Adolescentes e Jovens no Brasil: Estratégias de Atuação - Eixo 2. ILANUD, 2010
Disponível em: <http://www.ilanud.org.br>

Créditos e Ficha técnica

Prevenção da Violência entre Adolescentes e Jovens no Brasil: Estratégias de Atuação

Ministério da Justiça

Ministro: Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto

Secretário-Executivo: Rafael Thomaz Favetti

Secretário Nacional de Segurança Pública: Ricardo Brisolla Balestreri

Secretário Executivo do Pronasci: Ronaldo Teixeira da Silva

Secretário Nacional de Justiça: Romeu Tuma Júnior

Secretário de Reforma do Judiciário: Rogério Favreto

Secretário de Assuntos Legislativos: Pedro Vieira Abramovay

Secretária de Direito Econômico: Mariana Tavares de Araújo

Departamento de Políticas, Programas e Projetos

Diretor: Alexandre Augusto Aragon

Coordenação-Geral de Ações de Prevenção em Segurança Pública: Cristina Gross Villanova /
Suelen Sales (Gerente de Projetos)

Departamento de Pesquisa, Análise de Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública

Diretora: Juliana Márcia Barroso

Coordenação-Geral de Pesquisa: Luciane Patrício

Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Presidente do Conselho de Administração: Jésus Trindade Barreto Jr.

Conselho de Administração: Elizabeth Leeds - Presidente de Honra / Denis Mizne / Humberto Vianna / Jacqueline Muniz / Jésus Trindade Barreto Jr. / José Luiz Ratton Jr. / José Marcelo Zacchi / José Vicente Tavares dos Santos / Kátia Alves / Luciene Magalhães de Albuquerque / Luís Flávio Saporì / Renato Vieira de Souza / Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa / Sérgio Roberto de Abreu / Sílvia Ramos / Wilson Batista

Secretário Geral: Renato Sérgio de Lima

Equipe do Projeto

Coordenadora: Claudia Guazzelli Charoux

Assistente: Vanessa Abdo Benaderet

Estagiária: Natalia de Oliveira Romano

Comissão Especial de Acompanhamento do Projeto Prevenção da Violência entre Adolescentes e Jovens no Brasil: Estratégias de Atuação

Reinaldo Chaves Gomes (PRONASCI/ MJ) / Marcelo Ottoni Durante (UFV) / Claudio Bandel Tusco (MJ)/ Isabel Figueiredo (MJ) / Helder Ferreira (IPEA) / Renato Sérgio de Lima (FBSP) / Paula Miraglia (ILANUD)

Supervisão e Coordenação Geral do Projeto Prevenção da Violência entre Adolescentes e Jovens no Brasil: Estratégias de Atuação

Renato Sérgio de Lima / Denis Mizne / Melina Risso / Paula Miraglia

Instituto Sou da Paz

Diretor executivo: Denis Mizne

Diretora de desenvolvimento institucional: Melina Risso

Coordenadora da área de adolescência e juventude: Mônica Zagallo Camargo

Coordenadora da área de sistematização, informação e referência: Ligia Rechenberg

Agradecimentos

Daniele Barros Duarte

Luciana Guimarães

Ficha Técnica

**Parceiro
Responsável**

Supervisão e Coordenação Geral: Reinaldo Chaves Gomes

Cultura de paz

Coordenação: Ligia Rechenberg e Mônica Zagallo

Redação: Ligia Rechenberg

Consultoria: Beatriz Cruz

Revisão: Solange Martins

Edição de Arte: URBANIA

Tiragem: 1800 exemplares

Data: Maio/2010



Cultura de paz

04

Quando se observa com mais atenção as características da violência entre jovens no Brasil, o tema da cultura de paz mostra-se absolutamente relevante. Dados sobre os homicídios revelam um contexto em que a cultura da violência e as condições dos jovens são fatores que impactam diretamente os índices.

A violência é uma forma de se relacionar naturalizada, valorizada e muitas vezes justificada pela sociedade. A forma como as pessoas negociam interesses e lidam com conflitos cotidianos, utilizando recursos violentos, acaba culminando em mortes desnecessárias e alimentando um ciclo de violência que precisa ser rompido. A falta de tolerância e de respeito à diversidade, o medo do diferente, a ausência de espaços e de uma cultura de diálogo e mediação, além da valorização de símbolos, atitudes e comportamentos violentos, são fatores diretamente relacionados às altas taxas de homicídios no Brasil.

Nesta cartilha, mostraremos como a cultura de paz pode ser disseminada por meio de estratégias e ações para reverter a epidemia de violência letal que tem vitimado milhares de jovens brasileiros.